



# UMA ANÁLISE CRÍTICA DISCURSIVA DOS EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO DO FEMINISMO NEGRO NA SÉRIE “COISA MAIS LINDA”

Leydiane Ribeiro da Conceição<sup>1</sup>  
Mônica Santos de Souza Melo<sup>2</sup>  
Ana Carolina Gonçalves Reis<sup>3</sup>

**Resumo:** Objetiva-se compreender os efeitos de sentidos produzidos no discurso das personagens Adélia e Maria Luíza da série original da Netflix “Coisa mais linda”. Como instrumental teórico e metodológico, utilizou-se a Análise Crítica do Discurso, à luz dos pressupostos de Van Dijk. Pôde-se apreender por meio da pesquisa empreendida que, no Brasil, os sujeitos, que passam grande parte de seus dias consumindo ideologias propagadas pela mídia, reproduzem diversas formas de preconceito, em um reforço às formas de opressão das denominadas elites simbólicas. No entanto, é possível afirmar que o contrário também pode ser feito, visto que tanto os discursos racistas e machistas quanto os antirracistas e feministas vão se (re) construindo ao longo do tempo na sociedade. Nesse sentido, conclui-se que, ainda que a série em questão se trate de uma ficção, o microuniverso do enredo se assemelha com a vida cotidiana, de modo que são encenados discursos que no real cotidiano são propagados e replicados.

**Palavras-Chave:** Feminismo Negro; Análise Crítica do Discurso; Coisa Mais Linda; Netflix.

**Abstract:** The aim is to understand the effects of meanings produced in the discourse of the characters Adélia and Maria Luíza in the Netflix original series "Coisa mais linda". As a theoretical and methodological tool, Critical Discourse Analysis was used, in the light of Van Dijk's assumptions. The research showed that, in Brazil, the subjects, who spend a large part of their days consuming ideologies propagated by the media, reproduce various forms of prejudice, reinforcing the forms of oppression of the so-called symbolic elites. However, the opposite can also be said, since both racist and sexist discourses and anti-racist and feminist discourses are (re)constructed over time in society. In this sense, it can be concluded that, although the series in

---

<sup>1</sup> Bacharela em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (2016). Mestre (2019) e Doutoranda em Economia Doméstica pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica pela mesma universidade. Atualmente está no sexto semestre do curso de Serviço Social da Universidade Norte do Paraná. É membro do Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Humano, Social e Vida Cotidiana. Tem pesquisado principalmente sobre os seguintes temas: tecnologias digitais, relações raciais e de gênero, feminismo, velhice e aspectos sociais e redes sociais digitais.

<sup>2</sup> Possui Licenciatura Em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (1987), Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (1991), Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003) e Pós-Doutorado em Estudos Linguísticos (2011). Atualmente é Professora Titular da Universidade Federal de Viçosa, onde atua na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras. Tem experiência na área de Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: discurso (religioso, político e jurídico), argumentação, semiolinguística e mídia. Atuou, de 2013 a 2015, como Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa. É Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq.

<sup>3</sup> Doutora (2020) e Mestre (2012) pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (linha de pesquisa: Análise do Discurso). Graduada em Secretariado Executivo Trilíngue pela Universidade Federal de Viçosa (2004), é Professora Adjunto II desta instituição, atuando nas áreas de Análise do Discurso, Retórica, Argumentação, Redação Empresarial, Redação Oficial, Secretariado Executivo, dentre outras. Atualmente também atua como docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras/UFV.



question is fictional, the micro-universe of the plot is similar to everyday life, so that discourses are staged that are propagated and replicated in real everyday life.

**Keywords:** Black Feminism; Critical Discourse Analysis; Coisa Mais Linda; Netflix.

## Introdução

Sabe-se que, mesmo que algumas mulheres negras tenham ascendido socialmente, estas ainda vivenciam disparidades de gênero e raça, ocupando a base da pirâmide socioeconômica e acumulando os piores indicadores sociais (IPEA, 2017). Dados do estudo “Retratos das desigualdades de gênero e raça” (IPEA, 2017) apontam que os indivíduos de cor/raça preta, parda e indígena estão mais propensos a vivenciarem níveis maiores de vulnerabilidade econômica e social, especialmente quando se compara sexo e cor em conjunto. Em outras palavras, as mulheres negras tendem a vivenciar um grau de vulnerabilidade social e econômica maior do que homens brancos e negros e, também, que mulheres brancas.

Nesse contexto, entende-se que o papel social que é imposto à mulher negra produz diversas opressões cruzadas e efeitos violentos sobre elas. González (1984, p. 224) afirma que, ainda no século XXI, a sociedade impõe para a mulher negra o “espaço” que ela “deve ocupar”, considerando que “o lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo”. Assim, torna-se necessária uma luta que é dual, em que traz uma abordagem interseccional, inserindo-se nas reflexões políticas acerca do sexismo<sup>4</sup> e do mito da democracia racial<sup>5</sup>.

É importante salientar que a situação de inferioridade em que a mulher negra é colocada é (re) produzida por meio de discursos elaborados e difundidos pelos sistemas informacionais e simbólicos, entre os quais se sobressaem os meios de comunicação de massa (Araujo; Lima, 2010). Sobre esse aspecto, Sousa e Sirelli (2018, p. 335) trazem em seu trabalho “estudos que afirmam que os brasileiros passam mais de cinco horas por dia em frente à TV e mais de nove horas na *internet*”. Em outras palavras, os sujeitos passam

---

<sup>4</sup> Conforme bell hooks (2015), na atual sociedade capitalista, o patriarcado vem sendo estruturado de forma que o sexismo restrinja o comportamento das mulheres a lugares de opressão. Nesse sentido, as mulheres brancas e os homens negros ocupam dois lugares na sociedade, ora como opressores, ora como oprimidos, pois, apesar de as mulheres brancas sofrerem com a discriminação sexista, sua cor lhes permite atuar como opressoras raciais. Já os homens negros, apesar de sofrerem com o racismo estrutural, seu gênero lhes permite agir como opressores das mulheres. Nesse contexto, as mulheres negras sofrem uma opressão cruzada de raça e gênero, nomeada posteriormente por Crenshaw (1989) como interseccional.

<sup>5</sup> O mito da democracia racial é um mecanismo ideológico que ganhou destaque com a publicação de Casa-grande & Senzala, de Gilberto Freyre. Para tal autor, a sociedade brasileira seria caracterizada por uma “democracia étnica”, pois, apesar de o país ter se desenvolvido em uma política muito aristocrática, as relações raciais seriam democráticas (Guimarães, 2003). Dito de outra forma, esse conceito nega a existência de racismo no Brasil, onde supostamente existiria uma democracia plena entre as pessoas de todas as raças.

“metade do dia consumindo produtos distribuídos pela mídia, que possui grande poder de influência e promoção de ideias” (Sousa; Sirelli, 2018, p. 335). Esses discursos, há que se ressaltar, são veiculados ao longo do tempo com o intuito de dar poder a um grupo X em relação ao Y, disseminando, entre outras, práticas machistas, racistas e classistas. Saffioti (1987) afirma que a opressão contra o negro e a mulher no Brasil é socialmente construída desde o período colonial com o intuito de beneficiar quem está no controle do poder econômico e político. E tal opressão, podemos dizer, é também constituída, exercida e materializada nos discursos que circulam no país desde então.

Vigoya (2008) afirma que a história das desigualdades sociais na América Latina tem uma dimensão racial e sexual, de modo que a ordem racial e sexual produziu algumas formas opressoras de classificação social, gerando marcas culturais que foram construídas socialmente e se perpetuam até o século XXI. No entendimento de Van Dijk (2021), tais formas opressoras têm estreita relação com as ideologias<sup>6</sup>, que são introduzidas na sociedade por meio de uma doutrinação e de uma manipulação da opinião pública. Na perspectiva desse autor, os modelos mentais são divididos entre dois grupos: o endogrupo (Nós) e o exogrupo (Eles), os quais estabelecem uma polarização que alicerça a estrutura dos discursos e das práticas dos indivíduos. No que tange aos discursos, o pesquisador explica que estes mobilizam características negativas do grupo Eles (Mulheres e negros), enquanto ressaltam características positivas do grupo Nós (Homens e brancos).

No entanto, à medida que os discursos racistas e machistas vão se construindo ao longo do tempo na sociedade, os discursos antirracistas e feministas também vão se (re) construindo, pois, segundo Van Dijk (2021), do mesmo modo que o racismo não é algo inato ao ser humano, podendo ser aprendido por meio do discurso, o antirracismo e o feminismo também podem ser desenvolvidos, como, por exemplo, por meio dos discursos televisivos, filmicos, de conversas com amigos e familiares, etc. Nesse sentido, pode-se dizer que o discurso é inerente à construção da realidade social como a conhecemos, assim como à sua reconstrução. No que concerne especificamente ao feminismo, Alvarez (2014), afirma que o “campo feminista” se articula, tanto informalmente quanto

---

<sup>6</sup> Segundo Van Dijk (2017, p. 15), assim como o racismo, as ideologias não são inatas aos seres humanos, mas sim “aprendidas, partilhadas e usadas para identificar, formar e manter grupos sociais e seu poder”. Elas são (re) produzidas por textos e falas que, usualmente, polarizam dois grupos (Nós vs Eles). Elas são uma estrutura cognitiva complexa que têm o intuito de controlar a formação sócio-discursiva do sujeito, a transformação e a aplicação de vários tipos de cognição social.

formalmente, por meio das redes político-comunicativas que estão costuradas pelo cruzamento e compartilhamento de ideias, linguagem, práticas, pessoas e discursos.

No que tange ao feminismo negro, nas últimas décadas a sociedade brasileira vem vivenciando um crescimento dessa vertente em seu cenário político e intelectual, a qual tem o intuito de lutar não somente contra o machismo que se instaura na sociedade patriarcal, mas também contra o racismo que se estabelece na sociedade capitalista. Para tanto, segundo Nóbrega (2020), historicamente ao redor do mundo as mulheres vêm se reunindo e se mobilizando com objetivos de combate à violência de gênero; reivindicação por melhores condições de trabalho; discussão das desigualdades sociais, econômicas e étnicas; busca de autonomia da sexualidade da mulher, entre outros. Conforme Rodrigues e Freitas (2021), no Brasil, nos últimos anos, o movimento social feminista negro tem ganhado maior visibilidade em suas lutas.

Tendo em vista esse cenário, o presente artigo tem por objetivo compreender os efeitos de sentidos produzidos no discurso das personagens Adélia (Pathy Dejesus) e Maria Luíza (Malu), interpretada pela atriz Maria Casadevall, da série original da Netflix “Coisa mais linda”. Especificamente, pretendeu-se analisar o que é enunciado no terceiro episódio da primeira temporada, com vias de estudar de que maneira o referido discurso reflete a discussão do feminismo negro no Brasil, em termos de formação de identidade coletiva e empoderamento. O *corpus* de análise tem a duração de 4 minutos e 47 segundos. Como instrumental teórico e metodológico, utilizamos a Análise Crítica do Discurso (ACD), à luz dos pressupostos de Van Dijk.

Tomando como base os pressupostos desse autor, acorramo-nos no entendimento de que todo discurso é produzido sócio-historicamente, ou seja, ele está localizado num dado espaço, em uma determinada situação, produzido para e por um sujeito singular e em um contexto específico. Por conseguinte, deve ser analisado não só a partir de uma dimensão discursiva, social e política, mas também de uma dimensão cognitiva (Van Dijk, 2017).

O texto está dividido em quatro partes centrais, além desta breve introdução e das considerações finais. Na primeira, apresenta-se uma breve fundamentação teórico-metodológica acerca da instrumental que norteou o presente estudo; em seguida traz-se uma discussão sobre o feminismo negro em uma sociedade com base patriarcal, racista e

capitalista, questão central para a investigação do tema proposto. Na terceira parte, tem-se a descrição da série “Coisa mais linda” e do fragmento do discurso que analisado. E, por fim, no quarto tópico tem-se o estudo crítico do discurso entre Adélia (Pathy Dejesus) e Maria Luíza (Malu), está interpretada pela atriz Maria Casadevall. Ao final foram apresentadas as considerações finais do trabalho.

## **Pressupostos Da Análise Crítica Do Discurso Em Van Dijk**

Como dito anteriormente, para Van Dijk (2017), a Análise Crítica do Discurso (ACD) se interessa não somente pela dimensão discursiva, social e política do discurso, mas também pela sua dimensão cognitiva. Tal autor propõe uma forma de análise que, em primeiro lugar, estuda como “o abuso do poder social, a dominância e a desigualdade são postas em prática, e igualmente o modo como são reproduzidos e o modo como se lhe resiste, pelo texto e pela fala, no contexto social e político”. Assim, a ACD centra-se “nos modos como as estruturas do discurso põem em prática, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam relações de poder e de dominância na sociedade” (Van Dijk, 2017, p. 19,20). Dito de outro modo, trata-se de uma vertente teórico-metodológica que se interessa em investigar discursos em uma perspectiva de disparidade entre controlados e controladores desses discursos.

Em seu livro “Discurso e poder”, Van Dijk (2008) afirma que os estudos de ACD enfocam em compreender a reprodução discursiva que as elites simbólicas podem exercer sobre os sujeitos, com o intuito de propagar sua dominação através da ideologia, o que, para o autor, caracteriza o abuso de poder. Este, conseqüentemente, é que pode vir a causar desigualdades e injustiças sociais. No ponto de vista do autor, tal abuso de poder estaria diretamente relacionado à manipulação, estando inscrita na triangulação: discurso, cognição e sociedade. Assim sendo, a manipulação é entendida como uma atividade que se dá pela fala, pela escrita e também pelas mensagens visuais, passando pela mente, pelos processos mentais (cognitivos) dos sujeitos, estabelecida por meio da interação social (Van Dijk, 2008).

Ainda em consonância com Van Dijk (2017), o discurso influencia a cognição social porque, por meio da ideologia, um dado grupo leva os sujeitos a tomarem como verdades determinados conhecimentos e crenças, os quais socialmente partilhados,

determinam seus *modus operandi*. Van Dijk (2017, p. 16,17) ressalta, assim, que “os discursos são como *icebergues*: apenas expressam uma pequena parte do conhecimento, sendo a maior parte deste proposto como conhecimento partilhado”.

Para o autor, o discurso é, pois, uma atividade humana complexa e mais sofisticada que a linguagem, posto que tal prática “expressa e comunica estruturas mentais complexas, incluindo intenções, objetivos, conhecimentos, opiniões, atitudes, normas, valores e ideologias” (Van Dijk, 2021, p. 13). O linguista argumenta que:

Precisamos de uma análise do discurso sofisticada para mostrar como essas práticas institucionais estão fundadas em crenças racistas subjacentes, ou para explicar como discurso das elites podem ter efeitos perniciosos sobre a opinião pública (Van Dijk, 2015, p. 35).

Assim, de acordo com os pressupostos do autor, a ACD não deve ser aplicada apenas como uma técnica para analisar dados, ao contrário, deve ser tomada como um enquadramento teórico-metodológico, visto que ela constituiu uma abordagem que possibilita uma apreensão crítica da realidade.

Posto isso, conforme explanamos anteriormente, a interpretação do objeto de investigação deve ser feita a partir da tríade: discurso + cognição (conhecimentos compartilhados) + sociedade (contexto), de modo que, para se estudar o discurso, o analista deve, em primeiro lugar, interpretar os elementos contextuais relevantes e, em seguida, considerar os conhecimentos compartilhados pelos sujeitos locutor/interlocutor. Sobre esse aspecto, Maciel, Saraiva e Martins (2018, p. 208) sustentam que “a compreensão de um discurso significa basicamente a capacidade de construir um modelo interpretativo para ele”.

Nesse contexto, que a ACD se apresenta como um arcabouço para o estudo dos efeitos de sentido de um discurso, com uma proposta de relevância prática para os grupos dominados, visto que eles são vistos por essa vertente de Análise do Discurso como potenciais resistências à dominação discursiva (Van Dijk, 2008).

## **O Feminismo Negro Na Sociedade Capitalista E Patriarcal**

Segundo Inácio (2019, p. 20), “a opressão da mulher surge concomitante ao desenvolvimento das condições econômicas e a perda do caráter primitivo de determinadas civilizações, quando os rebanhos passam a ser propriedade particular da

família”. Em outras palavras, Engels (2019) explica que foi a partir da propriedade privada que se originou o conceito de família mais próximo do que temos na atualidade, conceito este que estabelecia os papéis sociais que o homem e a mulher deveriam ocupar na sociedade. Assim, como uma consequência de mudanças nas dinâmicas econômico-sociais, as primeiras situações de opressão passam a ter lugar.

Com a evolução dos meios de produção e com a inserção do trabalho escravo na sociedade, o cenário para a mulher negra fica ainda mais agravado, visto que, além da exploração advinda da sua condição social, por ser uma pessoa negra, ela também sofria outros tipos de violências, como, por exemplo, o machismo e o estupro, que era “justificado” por seus atributos físicos. É nesse sentido que as relações sociais vêm subjungando essa mulher em detrimento do homem (negro e branco) e das mulheres brancas: a mulher negra tem seus direitos físicos, políticos e até mesmo civis negados em função do sistema patriarcal, do racismo e do sistema econômico capitalista vigente.

Um exemplo de um discurso que retrata a opressão da mulher negra é o proferido pela ex-escravizada Sojourner Truth, em 1851, na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio, nos Estados Unidos. Sob o conhecido enunciado “E eu não sou uma mulher?”, ela produz uma fala contra-hegemônica na qual defende que a situação da mulher negra era diferente da mulher branca na sociedade estadunidense, visto que, enquanto as mulheres brancas lutavam por direitos civis, como, poder votar e trabalhar, as negras estavam lutando para serem reconhecidas como seres humanos.

No Brasil, em 1982, Lélia González, em um discurso também nesse sentido, apresenta a indagação: “Cumé que a gente fica?” no jornal *Mulherio*, externando a particularidade das desigualdades enfrentadas pelas mulheres negras no país. Na oportunidade, a autora leva uma reflexão a respeito das mulheres negras brasileiras, visando respostas às questões que não estavam sendo respondidas a contento pelo movimento feminista, que tinha à frente mulheres brancas de classe média alta, inspiradas por estudos oriundos de países ocidentais desenvolvidos. Tais mulheres, para González, relegavam as mulheres negras e suas demandas a um *status* de invisibilidade, marginalidade e apagamento histórico (Caldwell, 2007; Damasco, 2009).

Por meio dessas exemplificações, podemos constatar que a desigualdade de raça/etnia e gênero é algo que já vem sendo problematizado ao longo de anos para se

embasarem as discussões em torno das diversas situações que a mulher negra é duplamente desmerecida: na divisão sexual do trabalho, nos espaços sociais que esta convive, no âmbito familiar, entre outras, nas quais suas necessidades são marginalizadas. Um estudo que aborda a opressão da mulher negra na atualidade é o exposto no “Dossiê Mulheres Negras: Retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil”, publicado em 2013, que retrata “as desigualdades de gênero e raciais em vários contextos, como da educação superior, do mercado de trabalho e renda, assim como em relação à pobreza, ao acesso a bens, à exclusão digital e à violência” (IPEA, 2013, p.9).

Ainda nesse contexto, dados do IBGE (2018) mostram que mulheres negras ou pardas recebem menos da metade dos proventos que os homens brancos recebem (44,4%); as mulheres brancas possuem rendimentos superiores aos das negras ou pardas (razão de 58,6%) e os homens negros ou pardos, por sua vez, ganham mais que as mulheres dessa mesma cor ou raça (razão de 79,1%, a maior entre as combinações). Esses dados nos apontam que o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios contribuem para o aumento das desigualdades que estruturam a posição relativa da mulher negra na sociedade brasileira (IPEA, 2013).

Para Inácio (2019, p. 22), é importante entender que a sociedade brasileira capitalista constitui “um sistema que fora construído pela exploração, pois é através dela que foram surgindo os modos de exploração e opressão”. Compartilhando desse mesmo ponto de vista, Cisne e Santos (2021, p.77) afirmam que:

[...] Foi no processo histórico da exploração do homem/mulher sobre o homem/mulher, desde sua formação embrionária expressa na origem da propriedade privada associada à construção de sociedades escravistas e feudais, que o racismo e o patriarcado se constituíram. Isso significa dizer que não foram o racismo e o patriarcado que fundaram a exploração, mas, ao contrário, foi a exploração do trabalho que deu fundamento a existência desses sistemas.

Ainda no que tange às opressões em nosso país, Júnior (1965 *apud* Bonfim, 2015, p. 48) afirma que:

[...] Para entendermos o Brasil contemporâneo é fundamental buscarmos as particularidades da nossa constituição: é necessário analisarmos, em toda sua dinâmica, o processo de colonização e as transformações que se iniciam com a Independência e se desenrolam até o final do século XIX, tendo a abolição dos escravos e a Proclamação da República como acontecimentos centrais.

Em outras palavras, com a Independência brasileira em 1822, na impossibilidade de se manter um sistema econômico baseado na escravidão (1888), cria-se a necessidade de uma forma alternativa de produção que venha a acender a economia brasileira. Dessa maneira, a relação de dominação entre as classes e entre homens/mulheres toma outras formas de opressão, de modo a garantir lucratividade para o capital. Nesse contexto, agora, como trabalhadores “livres”, mulheres e homens negros devem vender sua força de trabalho para assegurar sua subsistência; porém o fato é que as mulheres negras, no geral, passam a ser excluídas do mercado de trabalho. Segundo Saffioti (1976, p. 96):

O ex-escravo seria, no novo regime, considerado cidadão brasileiro para efeitos eleitorais, enquanto a mulher, tanto branca quanto negra, seria marginalizada da escolha dos representantes do povo no governo. Neste sentido, se a Abolição constituiu uma emancipação precária e incompleta para a mulher de cor, representou, para a mulher branca, uma descensão relativamente ao homem negro. Extirpada a divisão em castas da sociedade brasileira, a determinação de sexo ganha novo sentido, constituindo-se, na sociedade de classes em formação, como o fora a raça na sociedade de castas e ainda o é, embora em menor grau, nas sociedades competitivas, no disfarce adequado das tensões sociais geradas pela implantação do sistema capitalista de produção plenamente constituído apesar de não desenvolvido.

Assim, “a nova ordem social se inicia excluindo tanto os brancos pobres, quanto os remanescentes da escravidão” (Bonfim, 2015, p. 74), não alterando a essência das relações de poder, mas corroborando para a prevalência dos interesses da burguesia. Tendo isso em vista, mesmo a mulher negra sendo “livre”, a dimensão de raça e de gênero estabeleceu desde os primórdios formas opressoras de classificação social que se perpetuaram, gerando marcas culturais que são construídas socialmente e se mantêm até o século XXI, manifestando-se sob uma aparência de algo “natural” (Vigoya, 2008; Bonfim, 2015).

É desse modo que até hoje perduram no imaginário social brasileiro construções a respeito da mulata, da doméstica, da mãe preta, entre outras figuras relacionadas à mulher negra, produzindo opressões cruzadas e efeitos violentos sobre esta (González, 1984). Diante disso, no Brasil, de acordo com Alvarez (2014) e Rodrigues (2020), tendo em vista que o movimento feminista “tradicional” e o movimento negro não atendiam às reivindicações das mulheres negras acerca das desigualdades sofridas ao longo da história, surge o movimento feminista negro no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, o qual traz uma abordagem interseccional, inserindo-se nas reflexões políticas acerca do patriarcado e do mito da democracia racial.

Por fim, cumpre-nos pontuar que, apesar dos avanços que as mulheres, em especial, as negras, obtiveram com as lutas feministas, torna-se necessário debater acerca da onda de conservadorismo que incide sobre a atual conjuntura brasileira<sup>7</sup>: assiste-se hoje a consequências de diversas ações de desmonte que desfavoreceram e prejudicaram a figura e os direitos da mulher. Um exemplo fora a extinção do Ministério da Mulher, passando a ser Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Luz (2019, p.56) entende que:

O capitalismo usa a família como instrumento de controle para estimular o seu crescimento, a produção e a reprodução em massa, e se apropria de tudo o que possa contribuir a seu favor, como por exemplo, o patriarcado e as formas de violência que este pode produzir às mulheres e aos homens.

Em outras palavras, tal modo de produção tem como resultado, além de uma política neoliberal que vem sendo aplicada nos últimos anos no Brasil, o racismo e o sexismo, que constituem estruturas de dominação; ou seja, o capitalismo, o patriarcalismo e o racismo são três sistemas de opressão que atuam em conjunto para oprimir 1) as mulheres no geral; e 2) as mulheres negras (principalmente). Dito isso, pode-se afirmar que não é possível uma articulação do movimento feminista negro sem passar por um anticapitalismo.

### **Apresentando A Série “Coisa Mais Linda”**

Antes de se iniciar a análise do fragmento objeto de estudo, far-se-á uma breve apresentação da série “Coisa mais linda” e uma contextualização do episódio “Águas de agosto”.

A série, de autoria de Giuliano Cedroni e Heather Roth, foi lançada e exibida em 22 de março de 2019 pelo serviço de *streaming* Netflix. Plataformas como essa, segundo Rocha, Silva e Vieira (2019, p.174), “viabilizam novas formas de se consumir conteúdos”, uma vez que, a partir delas, o telespectador “tornou-se o autoprogramador dos produtos televisivos que consome”. Dito de outra forma, o telespectador tem a possibilidade de assistir a qualquer programa que quiser, pelo meio que preferir (*notebook, tablet, smartphone, etc.*), a hora que desejar e em quantos episódios escolher.

---

<sup>7</sup> Este trabalho foi desenvolvido em 2022, ano em que o Presidente da República era Jair Messias Bolsonaro.

No entendimento de Marques *et al.*, (2022, p. 4 e 5), além disso, com “a democratização do acesso por meio da *internet* e dos canais de *streaming*, estes permitiram que um grande contingente de pessoas pudesse, do conforto de suas salas, dialogar com questões consideradas *tabus* e que a telona se recusa tratar e projetar”.

Nesse viés, a produção brasileira que investigamos traz como pano de fundo a ascensão da bossa nova e o empoderamento feminino no fim da década de 1950 e início dos anos de 1960 no Rio de Janeiro. A série retrata um contexto sócio-histórico patriarcal e racista que já advinha desde o Brasil colônia (e tem resquícios até os dias de hoje, há que se ressaltar). Cumpre-nos assinalar que, àquela época, vinculados ao processo de implementação e consolidação do capitalismo, os discursos feministas estavam passando por uma proliferação em todo o mundo, uma vez que tal modo de produção evidenciou “para o âmbito do mundo público a discriminação que as mulheres enfrentavam no mundo privado” (Méndez, 2005, p.52). No entanto, é importante salientar que tal proliferação dos discursos feministas abarcava em sua maioria a luta das mulheres brancas.

O terceiro episódio da série “Coisa mais linda” discute os diversos privilégios que a mulher branca tinha (e ainda tem) em relação à negra. Em exemplo é a narrativa construída em torno de duas personagens: Malu, uma mulher branca que luta pelo seu direito de trabalhar, e Adélia, uma mulher negra que tem o trabalho como dever desde muito cedo (não como um direito a ser conquistado). Sobre essa questão, Silva e Quirino (2021, p. 3) argumentam que “fica evidente que Adélia possui um leque de escolhas muito limitado, se comparado com Malu, devido ao fator racial”, uma vez que “Malu, mulher branca, está diante de questões problemáticas mais voltadas à liberdade e justiça. Adélia, personagem negra, defronta-se com os dilemas citados e muitos outros”.

Com relação ao título da série, este foi inspirado em um verso da canção Garota de Ipanema, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, composta em 1962. Na primeira temporada, ambientada em 1959, a personagem Maria Luiza, ou Malu, interpretada por Maria Casadevall, uma paulistana casada, de família rica e com um filho, muda-se para o Rio de Janeiro com o sonho de abrir um restaurante na cidade. Entretanto, ao chegar lá ela descobre que foi roubada e abandonada pelo então marido. A partir desse momento, disposta a dar a volta por cima, Malu, contra a vontade de seu pai, se junta a Adélia, personagem interpretada por Pathy Dejesus, uma moça negra, pobre, mãe solteira,

moradora de favela do Rio de Janeiro, que luta contra o racismo e batalha para sustentar a irmã Ivone (Larissa Nunes) e a filha Conceição (Sarah Vitória). Juntas elas abrem um clube – Coisa mais linda (Figura 01) – de bossa nova, onde se apresentam vários cantores de sucesso.

Figura 01 – Clube Coisa mais Linda



Fonte: Reprodução Netflix, 2019.

O fragmento do discurso elencado para análise foi retirado do terceiro episódio da série, intitulado "Águas de agosto" (2019), da primeira temporada. Tal episódio se passa no dia seguinte ao de uma chuva que atingira a cidade do Rio de Janeiro, destruindo o clube "Coisa mais linda". A sequência começa com a chuva entrando no clube de Adélia e Malu e arruinando o clube de música. Em seguida, já pela manhã, é possível observar todo o estrago que a tempestade causara (cadeiras reviradas, discos quebrados, gotejo no local e muita lama). Adélia chega ao bar e as duas personagens estão uma diante da outra para conversar sobre as consequências advindas da chuva. Malu, sentada de costas para a câmera em um local mais alto, e Adélia, sentada de frente para câmera em uma cadeira mais baixa (Figuras 02 e 03), compõem a cena. Após essa cena, Malu (sentada com o semblante de desespero, de fragilidade) começa a proferir seu discurso a Adélia (que se coloca de pé frente a Malu com o semblante oposto ao de Malu).

Figuras 02 e 03 – Adélia e Malu frente a frente



Fonte: Reprodução Netflix, 2019.

A seguir, reproduzimos o diálogo encenado:

*Malu, sentada (chorando, com a voz tremula): Acabou. Tudo, Adélia.*

*Adélia sentada balança a cabeça em sinal negativo, respira fundo, levanta e diz:  
Uma vassoura, um balde e um rodo e a gente dá jeito nisso. Talvez dois rodos. E dá uma risada em seguida.*

A amiga Malu começa a chorar abatida mesmo com o pedido de Adélia para que ela parasse (Figura 04).

Figura 04 – Malu chorando e Adélia demonstrando-se firme na situação



Fonte: Reprodução Netflix, 2019.

A partir desse momento podemos observar que a produção faz um *close* nos rostos das personagens com o intuito de expressar a tensão do diálogo (Figuras 05 e 06).

Figuras 05 e 06 – *Close* nos rostos de Malu e Adélia



Fonte: Reprodução Netflix, 2019.

*Adélia: Vamos lá, Malu, levanta daí. Não dá tempo de ficar choramingando não, a gente só tem cinco dias pra por (Nesse momento Adélia é interrompida por Malu, que para de chorar).*

*Malu: Choramingando? Acabei de perder tudo (pausa), tudo o que eu tinha.*

*Adélia: Isso tá longe de ser o fim do mundo, Malu.*

*Malu: Pra mim é! O fim do mundo. Não tenho mais nada.*

*Adélia: Eu tô aqui. Juntas a gente resolve isso. A gente já fez isso uma vez.*

*Malu: Pelo amor de Deus, Adélia, não precisa fingir que você se importa.*

*Adélia: Eu me importo.*

*Malu: Ah é?*

*Adélia: É.*

*Malu: Mesmo?*

*Adélia: Mesmo.*

*Malu: Por que? Se fui eu, que abri mão da minha vida inteira pra conseguir fazer essa merda? (Tom mais alto de voz).*

*Adélia: Ah, é, você é a maior vítima! (Tom mais alto de voz).*

*Malu: Sou mesmo. Não tá vendo o estrago que aconteceu? (Personagem está gritando).*

*Adélia: Tô. (Personagem está gritando).*

*Malu: Olha pra isso! (Personagem está gritando).*

*Adélia: Para, Malu, faz isso não, não faz. Você sabe muito bem o duro danado que eu dei aqui (Personagem fala em tom de indignação).*

*Malu continua: Sei, pelo dinheiro que eu te paguei. Olha... Agora eu não tenho mais como te pagar. Você ainda liga?*

*Adélia: Engraçado... Ontem você me pediu desculpas pelo jeito que sua amiga me tratou, mas você é igual a ela, branquela mimada. Na verdade, você é pior, pelo menos ela nunca fingiu ser minha amiga (Aqui Adélia se posiciona contra Malu apontando seu dedo em resposta à fala egoísta de sua amiga – Figura 07).*

Figura 07 – Adélia se posicionando em discordância à fala de Malu



Fonte: Reprodução Netflix, 2019.

Nesse momento, Adélia vira-se de costas para Malu e anda em direção à saída do clube. Em seguida, Malu vai atrás de Adélia e, já na rua, as duas continuam o diálogo (Figura 08):

Figura 08 – Malu corre atrás de Adélia



Fonte: Reprodução Netflix, 2019.

*Malu: Adélia, Adélia, eu tava tão perto, você entende? Eu tava lutando pelo meu direito de trabalhar, eu deixei o meu filho na casa da minha mãe, tô tentando fazer alguma coisa pela minha vida, só que tá muito difícil! (Discurso proferido em meio a choro e gritos).*

Nesse momento, Adélia para de andar e se volta a Malu, interrompendo-a (Figura 09):

Figura 09 – Adélia se volta para responder a amiga



Fonte: Reprodução Netflix, 2019.

*Adélia: Chega, Malu! Para de olhar para seu próprio umbigo, sua egoísta. Tudo eu. Eu fiz, eu perdi, eu, eu eu. A gente perdeu. (Discurso proferido aos gritos e em tom de indignação).*

*Adélia continua: Lutando pelo meu direito de trabalhar? Eu trabalho desde os oito anos de idade. A minha avó nasceu numa senzala e é difícil, é bem difícil mesmo. Eu trabalhei seis, sete dias da semana, saía de casa às quatro horas da manhã, ficava mais de uma hora no ônibus na ida mais de uma hora no ônibus na volta e chegava em casa, a Conceição tava dormindo. Tudo isso pra por um prato de comida na mesa. Isso sim pra mim é relevante. (Discurso proferido tom de indignação com a personagem chorando).*

Malu tenta interromper Adélia, que não permite (Figura 10):

Figura 10 – Malu tentando interromper Adélia, que não deixa



Fonte: Reprodução Netflix, 2019.

*Adélia: Eu não acabei! Você sente falta do seu filho, sente. Quantas vezes, de verdade, Malu, você precisou ficar longe dele? Eu sinto falta da Conceição todas as horas do meu dia. Seu filho já te pediu alguma coisa que você nunca vai poder dar? (Discurso proferido em tom de indignação com a personagem chorando).*

Malu nesse instante dá a negativa com a cabeça também chorando e Adélia continua:

*Adélia: A minha já.*

*Malu: Você tem razão. A gente não é igual. Você é muito mais corajosa do que eu, Adélia. Desculpa, mas eu não aguento mais. (Discurso proferido em meio a lágrimas).*

*Adélia: Você tem razão, Malu, a gente não é igual. Você sempre teve escolhas, eu não. (Discurso proferido em tom de firmeza).*

Nesse momento, começa a tocar uma música “O mundo é um moinho”, de Cartola, na voz de Cazuzu, como um pano de fundo da cena. Adélia vai embora deixando Malu aos prantos e assim é finalizado o terceiro episódio.

Os enunciados proferidos pelas personagens, a nosso ver, levantam questões caras não apenas para uma ficção brasileira: representam também a oportunidade de se debaterem os discursos feministas, em especial, o negro, demarcando sua contestação com as práticas sociais racistas e machistas.

A seguir, apresentamos a análise proposta. É importante esclarecermos que, tendo em vista o objetivo do trabalho, a investigação irá se centrar no artefato verbal, não operando com o imagético.

## **Análise Crítica Do Discurso**

### ➤ Quem é Adélia?

Como já dito anteriormente, Adélia, interpretada por Pathy DeJesus, é uma mulher negra, descendente de escravos, solteira, analfabeta e tem uma filha pequena. A personagem, com baixa escolaridade, mora em uma favela no Rio de Janeiro e trabalha desde 8 anos de idade, como empregada doméstica, para ter condições de cuidar da sua filha e da sua irmã mais nova. Ao voltarmos nosso olhar para essa caracterização, constatamos uma materialização de representações, ou seja, de estereótipos que “desqualificam” a mulher, em especial, a negra, na época, e que perpetuam até os dias hoje. É possível pensarmos que Adélia se configura como uma cidadã oprimida em um viés interseccional entre raça/etnia, gênero e classe, visto que essas três formas de dominação perpassam a vida de Adélia.

Adélia se envolve com o filho do patrão Nelson (Alexandre Cioletti) e engravida de Conceição (Sarah Vitória). A família do rapaz, ao descobrir a gravidez, manda Nelson para Paris, para afastar os dois. Assim, em um primeiro momento, Adélia que se apresenta como mãe solteira, vê-se em seguida em uma situação em que tem que mentir para o namorado Capitão, interpretado por Ícaro Silva, apresentando sua filha como também filha deste. Borges (2020, p. 1) aborda em seus estudos que, desde sempre, as mulheres sofrem uma depreciação “pelo simples fato de serem mães e não integrarem um relacionamento matrimonial”. Além disso, ressalta que essas mulheres que estão nessa condição também sofrem com “salários desiguais, menos oportunidades de inserção e ascensão no mercado de trabalho, bem como a tripla jornada e a sobrecarga feminina no que tange ao trabalho de cuidado com os(as) filhos(as)”.

A importância de compreender essa construção da personagem Adélia se dá na medida em que, para se proceder à análise de um discurso, é preciso considerar o sujeito da produção discursiva, pois seu estatuto social determina os efeitos de sentido que o discurso assume.

➤ O discurso e a produção de sentido

É importante pensarmos que um discurso produz não um sentido, mas efeitos de sentidos, os quais constituem modelos mentais que são influenciados pela ideologia dominante em certa conjuntura. Segundo Van Dijk (2012), é nas experiências cotidianas que ocorrem as interações mentais, que são estruturas conectadas por meio da linguagem e, também, ligadas ao contexto cultural, possibilitando, assim, uma troca comunicativa.

No que diz respeito ao contexto da obra ficcional “Coisa mais linda”, esta é ambientada em uma década de efervescência do empoderamento feminino, vinculado ao processo de implementação e de consolidação do capitalismo (MÉNDEZ, 2005). É necessário ressaltarmos, como anteriormente fizemos, que o movimento feminista à época, nos anos de 1960, pautava-se em lutas que abarcavam o direito de mulheres brancas, deixando à margem as pautas das mulheres negras.

Ademais, convém salientar que, apesar de o seriado se passar em outra década, ele é transmitido no ano de 2019 para o público acima dos 16 anos que teve acesso a ele na plataforma de *streaming* Netflix. Nesse sentido, não se pode deixar de considerar que suas condições de produção contemplam uma ascensão da extrema direita nesse ano no Brasil. Adicionado a isso, há que se considerar o fato de estar sendo discutido naquele ano, por meio de *hashtags* (#QuemMandouMatarMarielle), um crime acontecido no ano anterior (2018), em que a vereadora Marielle Franco, mulher negra e bissexual, filiada ao PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), fora assassinada. Diversos movimentos sociais, em especial o feminista negro, usaram várias plataformas digitais para discutirem a temática e cobrar a resolução do crime. Todos esses elementos precisam ser considerados pelo fato de que um discurso significa em uma dada circunscrição social, ou seja, em uma dada situação comunicacional.

É importante destacar que, apesar de as atrizes proferirem seus discursos, eles são falas pensadas e roteirizadas pelos diretores da produção. Assim, atendo-nos aos discursos de Malu e de Adélia, observemos um fragmento de quando mesmo Malu, aparentemente não sendo preconceituosa, ao convidar Adélia para ser sua sócia, deixa nítida a (re)produção de uma relação de inferioridade com a amiga:

*Adélia: Para, Malu, faz isso não, não faz. Você sabe muito bem o duro danado que eu dei aqui. (Personagem fala em tom de indignação).*

*Malu: Sei, pelo dinheiro que eu te paguei. Olha... agora eu não tenho mais como te pagar. Você ainda liga?*

*Adélia: Engraçado... Ontem você me pediu desculpas pelo jeito que sua amiga me tratou, mas você é igual a ela, branquela mimada. Na verdade, você é pior, pelo menos ela nunca fingiu ser minha amiga. (Aqui Adélia se posiciona contra Malu apontando seu dedo em resposta à fala de sua amiga).*

Por meio desse fragmento, é possível constatar que Malu, ao ver que teve uma grande perda financeira depois da tempestade, valida-se da sua posição social para legitimar seu discurso e suas ações. Ela se coloca como se fosse a patroa, detentora do poder econômico. Aqui, a reação de Maria Luiza demonstra que sua relação de trabalho com Adélia não era tão de igual para igual como foi proposto por ela a princípio. Notemos o verbo por ela utilizado: “pagar”, com o intuito de determinar e autenticar sua posição social perante Adélia. Em outras palavras, Malu impõe de alguma forma o seu poder social.

Segundo Van Dijk (2017), existem vários tipos de poder, como, por exemplo, o coercitivo, aquele dos militares e de homens violentos que é causado, sobretudo, por meio do uso da força física; o poder mais ou menos persuasivo, aquele de professores, pais, entre outros, baseado no conhecimento; e o poder dos ricos, aquele que se dá em razão de se possuir dinheiro. No fragmento analisado, percebe-se que Malu está inserida em uma formação discursiva que remete a uma formação ideológica dominante de classe social e étnica. Logo, a personagem mostra que a “superioridade racial teve na subordinação feminina seu elemento complementar” (Carneiro, 2002, p. 169), o que gera uma indignação na personagem Adélia.

Ainda nesse fragmento, constata-se que Adélia, como parte de um grupo dominado, tem o poder (mais ou menos) de aceitar e de ver tal discurso como “natural”, ou de resistir a ele. Assim, a personagem lança mão da estratégia de polarização Nós X Eles ao representar as mulheres brancas de forma negativa, “branquelas mimadas” e as mulheres negras, como ela, as fortes que não desistem de lutar (Van Dijk, 2021). O

discurso dessa personagem assume um tom de resistência: ela “realça/enfatiza as coisas más “Deles”, enquanto as “Nossas” são tipicamente secundarizadas” (Van Dijk, 2017, p. 23).

Outro ponto a ser observado é o emprego do operador argumentativo “mas” no enunciado de Adélia: “*mas você é igual a ela, branquela mimada*”. Esse operador indica uma inserção de um argumento de maior valor na sequência do que foi dito e que, conseqüentemente, enfraquece o enunciado anterior “*Ontem você me pediu desculpas pelo jeito que sua amiga me tratou*”.

Outro momento que Adélia mostra o preconceito que existe na fala de Malu é quando, na parte final, Malu diz:

*Malu: Adélia, Adélia, eu tava tão perto, você entende? Eu tava lutando pelo meu direito de trabalhar, eu deixei o meu filho na casa da minha mãe, tô tentando fazer alguma coisa pela minha vida, só que tá muito difícil! (Discurso proferido em meio a choro e gritos).*

*Adélia: Lutando pelo meu direito de trabalhar? Eu trabalho desde os oito anos de idade. A minha avó nasceu numa senzala e é difícil, é bem difícil mesmo. Eu trabalhei seis, sete dias da semana, saía de casa às quatro horas da manhã, ficava mais de uma hora no ônibus na ida mais de uma hora no ônibus na volta e chegava em casa, a Conceição tava dormindo. Tudo isso pra por um prato de comida na mesa. Isso sim pra mim é relevante. (Discurso proferido tom de indignação com a personagem chorando).*

Essa interação nos aponta para como o feminismo branco e o feminismo negro são movimentos diferentes em termos de causas, de bandeiras levantadas, visto que, apesar de as duas personagens sofrerem opressões machistas da sociedade, a luta de Malu, enquanto uma mulher branca, de classe alta, era diferente da de Adélia, negra, pobre e periférica. Posto isso, é possível dizermos que o discurso da personagem Adélia pode causar impacto em outras mulheres negras em termos de formação de identidade coletiva e empoderamento, visto que ela faz uma retomada de um discurso histórico ao falar “*A minha avó nasceu numa senzala e é difícil*”.

Assim o fazendo, ela compartilha a experiência que seus antepassados cativos e de como eles experienciaram a opressão, foram violentados e explorados, marcas que se materializariam também em Adélia. Em outras palavras, a personagem se utiliza de um evento passado para causar impacto e trazer uma crítica sistemática às formas de abuso de poder, o que pode contribuir para que as mulheres na contemporaneidade – as interlocutoras da série –, ao ouvirem tal discurso, possam (re)avaliar criticamente sob seu *locus* social. Van Dijk (2021) defende a importância de uma educação antirracista e feminista, pois tanto homens brancos e negros, quanto mulheres brancas precisam entender o lugar que a mulher negra tem ocupado na sociedade: ela não tem as mesmas oportunidades de alguém de pele clara e do sexo oposto. Em outro momento, Malu tenta apaziguar a situação e pedir desculpas:

*Malu: Você tem razão. A gente não é igual. Você é muito mais corajosa do que eu, Adélia. Desculpa, mas eu não aguento mais. (Discurso proferido em meio a lágrimas).*

*Adélia: Você tem razão, Malu, a gente não é igual. Você sempre teve escolhas, eu não. (Discurso proferido em tom de firmeza).*

Conforme se evidencia, Adélia se mantém firme ao afirmar “eu nunca tive escolha”, pois é sabido que o movimento feminista “tradicional”, que era um movimento específico, em que as mulheres eram brancas, urbanas, de classe média alta, inspirado por estudos oriundos de países ocidentais desenvolvidos, relegavam as mulheres negras e suas demandas a um *status* de invisibilidade, marginalidade e apagamento histórico (CALDWELL, 2007; DAMASCO, 2009).

Tomando como base Silva (2021, p. 47), ao citar Orlandi (2003, p. 50), compreendemos que o discurso proferido por Malu aponta práticas feministas brancas, detentoras de privilégios sociais, “que estão no interdiscurso do sujeito e da história que domina as relações sociais”. Adélia, por sua vez, quando enuncia “*Você sempre teve escolhas*”, faz uso do adjunto modal “sempre”, indicando uma recorrência, ou seja, um presente continuado, em que as mulheres brancas, desde o período colonial, em especial as de classe alta, podiam ter escolhas, ainda que mínimas.



A esse respeito, hooks (2015, p. 198) afirma que “o sexismo, como sistema de dominação, é institucionalizado, mas nunca determinou de forma absoluta o destino de todas as mulheres nesta sociedade. Ser oprimida significa ausência de opções”. Assim, “muitas mulheres nesta sociedade têm escolhas (por mais inadequadas que possam ser)”.

Outro excerto que destacamos para análise é:

*Adélia: Chega, Malu! Para de olhar para seu próprio umbigo, sua egoísta. Tudo eu. Eu fiz, eu perdi, eu, eu eu. A gente perdeu. (Discurso proferido aos gritos e em tom de indignação).*

Percebe-se aqui uma ideologia de resistência, pois, ao inserir “a gente perdeu”, a personagem demonstra em sua fala que ela também era dona do estabelecimento e que ela também investiu naquele local e, por isso, não iria ficar calada ao ver que sua sócia estava agindo como se ela fosse “apenas” uma funcionária. A fala de Adélia expõe também um modo de agir dos cidadãos na sociedade atual caracterizado pelo preconceito e pelo racismo que está enraizado desde o período colonial.

Há um interdiscurso com o de que “todas as mulheres são iguais” e que “suas lutas são as mesmas”, o que não acontece no mundo real, uma vez que as interseccionalidades (raça, gênero e classe) influenciam diretamente a vida social das mulheres negras que vivenciam opressões sociais que as brancas não vivenciam. Neste fragmento, notamos também a ideologia de uma igualdade de luta, de um único movimento feminista que perpassaria a sociedade brasileira (o que, como abordamos, não contempla especificidades das reivindicações da mulher negra).

## **Considerações Finais**

O objetivo deste trabalho foi analisar o que é enunciado no terceiro episódio da primeira temporada da série “Coisa mais linda”, vias de estudar de que maneira o referido discurso reflete a discussão do feminismo negro no Brasil, em termos de formação de identidade coletiva e empoderamento. Para tanto, utilizou-se a Análise Crítica do Discurso (ACD), à luz dos pressupostos de Van Dijk.

Segundo os pressupostos desse autor, as denominadas elites simbólicas têm propagado diversas formas de opressão por meio dos sistemas informacionais. Estes podem reproduzir discursos racistas e machistas, mas, por outro lado, também podem promover a veiculação de discursos antirracistas e feministas.

O estudo nos possibilitou compreender que tanto os discursos racistas e machistas, quanto os antirracistas e feministas não são naturais do indivíduo, haja vista são apreendidos nas diversas interações sociais: por meio de conversas com amigos/familiares, por macroestruturas como igrejas ou escolas e até mesmo pelos discursos televisivos e filmicos.

Nesse sentido, ainda que a série em questão se trate de um gênero ficcional, pode-se afirmar que o microuniverso do enredo se assemelha com a vida cotidiana, fato que explica como certos discursos são propagados e replicados na sociedade ou como podem ser contestados. O discurso é inerente à construção da realidade social, assim analisá-lo, como no nosso caso, com enfoque no feminismo negro, pode proporcionar uma reflexão sobre o *locus* social da mulher negra na sociedade brasileira.

A análise nos aponta a percepção de como as formas de opressão se materializam nos discursos. Estes a um só tempo refletem uma percepção de um dado grupo social, como também questionam as construções naturalizadas no espaço social. Sobre esse aspecto, os enunciados proferidos por Adélia e Malu, nos fragmentos analisados, não sinalizam apenas as percepções individuais de cada uma, mas revelam a materialização de ideologias de certos grupos.

A nosso ver, quando a mulher negra passa a ter conhecimento das representações socialmente construídas em torno de si e do lugar que ela é colocada na pirâmide social, é possível que repense práticas alternativas à opressão, com o intuito de promover o empoderamento do seu grupo social, formando uma identidade coletiva e, assim, produzindo ações tanto em nível individual, quanto em nível coletivo. É nesse sentido que, a nosso ver, as séries, como portadoras de discursos e, portanto, de representações, podem constituir possibilidades educativas para uma luta antirracista e feminista.

## **Referências Bibliográficas**

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. *Cadernos pagu*, n. 43, p.13-56. 2014.



ARAÚJO, Nayra Veras de; LIMA, Antônia Jesuíta de. Melucci e Tarrow: Revisão teórica sobre movimentos sociais. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, vº 7, nº25, 2010.

BONFIM, Paula. A constituição da Moral Brasileira. In: **Conservadorismo Moral e Serviço Social: a particularidade da formação moral brasileira e sua influência no cotidiano de trabalho dos assistentes sociais**. Rio de Janeiro: Lumem Juris, 2015.

BORGES, Lize. Mãe solteira não. Mãe solo! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. **Revista Direito e Sexualidade**. Nº. 1, p. 1-23. 2020.

CALDWELL, Kia Lilly. Mulheres negras, militância política e justiça social no Brasil. **Revista Gênero**. v. 8, n.1, p.53-69. 2007.

CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: Cristina Bruschini e Sandra G. Unbehaum (orgs). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: 2002.

CISNE, Mirla; SANTOS, Silvana Mara Moraes dos. **Feminismo, diversidade sexual e serviço social** [livro eletrônico] / Mirla Cisne; Silvana Mara Moraes dos Santos. 1 ed – São Paulo: Cortez, 2021

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **The University of Chicago Legal Forum**. n. 140 p.139-167, 1989.

DAMASCO, Mariana Santos. **Feminismo negro: raça, identidade e saúde reprodutiva no Brasil (1975-1996)**. 2009. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós- Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, Rio de Janeiro – RJ, 2009.

ENGELS, Friedrich. Barbárie e Civilização. In: **A origem da família, da propriedade privada e do estado** [recurso eletrônico]: em conexão com as pesquisas de Lewis H. Morgan / Friedrich Engels; tradução Nélio Schneider. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2019.

GONZÁLEZ, Lélia. **E a trabalhadora negra, cumé que fica?**. *Jornal Mulherio*. Ano 2, nº 7.1982.

GONZÁLEZ, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244. 1984.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e Pesquisa**, v.29, n.1, p. 93-107, 2003.



HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº16, pp. 193-210. 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Estudos e Pesquisas - Informação Demográfica e Socioeconômica - n.41. 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA (IPEA) *et al.* (Brasil). **Dossiê mulheres negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: IPEA, 2013.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA (IPEA) *et al.* (Brasil). **Retratos da desigualdade de gênero e raça**. 5.ed. Brasília: IPEA, 2017.

LUZ, Vanessa de Oliveira da. **O lugar da mulher pertencente à classe trabalhadora na sociedade brasileira**. 2019. 114f. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Serviço Social. Universidade Federal de Ouro Preto– UFOP. 2019.

MACIEL, Marcos Gonçalves; SARAIVA, Luiz Alex Silva; MARTINS, José Clerton Oliveira. A abordagem sociocognitiva do discurso: Uma alternativa para análise crítica pelos estudos do lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v.21, n.3, set/2018.

MARQUES, Walter Rodrigues *et al.* A Netflix como ferramenta digital e audiovisual na abordagem de gênero, raça e racismo nas séries Hollywood e Coisa Mais Linda. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, e51911325906, 2022.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo. **Revista Mulher e trabalho**. V. 5, p. 51-63, 2005.

NÓBREGA, Vivianne Macena de Souza. **Das ruas para os espaços online?** Percursos e subjetividades de ativistas feministas através de narrativas biográficas. 2020. 204 f. (Dissertação) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto. Porto, 2020.

RODRIGUES, Leticia Fernanda de Souza. Movimento de mulheres negras no Brasil: Desafios da resignificação de uma identidade feminina negra em períodos de pandemia. **Revista Contraponto**. V. 7, n. 1, p. 133-147. 2020.

RODRIGUES, Cristiano; FREITAS, Viviane Gonçalves. Ativismo Feminista Negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 34, pp 1-54. 2021.

ROCHA, Simone Maria; SILVA, Marcos Vinicius Meigre e; VIEIRA, Gabriela Arcas. O melodrama virou global? Práticas de produção e de circulação da série netflix coisa mais linda. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**. V. 17, n. 31, p. 168 – 180. 2019.



SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: Mito e realidade.** Prefácio de Antônio Cândido de Mello & Souza – Petrópolis, Vozes, 1976.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do Macho.** Heleieth I. B Saffioti – São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, Clarice de Freitas. Feminismo negro: Uma perspectiva do discurso ideológico na desigualdade histórica da mulher negra. **Revista Porto das Letras**, Vol. 07, Nº 01. 2021.

SILVA, Isadora Hernandez Cardoso da; QUIRINO, Kelly Tatiane Martins. Relações raciais em Coisa Mais Linda e Little Fires Everywhere: uma análise crítica das narrativas. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 4 a 9/10/2021.**

SOUSA, Marília de Oliveira de; SIRELLI, Paula Martins. Nem santa, nem pecadora: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 132, p. 326-345, maio/ago. 2018.

VAN DIJK, Teun. Discurso e manipulação: uma introdução. **Discurso e poder.** São Paulo: Contexto, 2008.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e contexto: Uma abordagem sociocognitiva.** São Paulo: Contexto. 2012.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso, Notícia e ideologia: Estudos na Análise Crítica do Discurso.** Edições HúmuS, 2017.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso Antirracista no Brasil: da Abolição Às Ações Afirmativas.** Ponta Grossa: Contexto Técnicos. 2021.

VIGOYA, Mara Viveros. La sexualización de la raza y la racialización de la sexualidade en el contexto latinoamericano actua. In: **Careaga, Gloria. Memorias del 1er. Encuentro Latinoamericano y del Caribe La sexualidad frente a la sociedad.** México, D.F., 2008.